



NOSSA CLASSE

**Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!**

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário - Ano XIII – Setembro de 2017 / e-mail: nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA

Dia Nacional de Luta, que seja um firme passo para a retomada da greve geral

As centrais sindicais marcaram o dia 14 de setembro como o “Dia Nacional de Luta, com mobilizações e paralisações contra as reformas trabalhista e da previdência e também contra o pacote de privatizações.

O governo Temer impõe o mais duro ataque aos explorados, que começou com a Lei da Terceirização, avançou com a reforma trabalhista e agora desfecha mais um ataque com as mudanças na previdência. Ao mesmo tempo, entrega as riquezas nacionais e empresas estatais para os capitalistas estrangeiros e para o grande capital nacional, por meio das privatizações. Como se vê, de um lado, esfola o quanto pode os trabalhadores e, de outro, entrega terras, aeroportos, estradas e empresas aos exploradores do povo. Trata-se, portanto, de um governo antinacional e antipopular. Um governo golpista, pró-imperialista e corrupto.

No dia 14, os metalúrgicos farão manifestações contra as reformas de Temer. No entanto, ainda são protestos limitados a uma categoria, ou a um setor. Mas as reformas

atingem o conjunto dos trabalhadores. Está aí por que tem de ser um passo para a retomada da greve geral. Nossa luta tem de ser nacional. Não há como barrar a implantação da reforma trabalhista e derrubar a Lei da Terceirização se não for por meio da greve geral, como fizemos em 28 de abril. Certamente, mais forte e mais unitária.

Mas as reformas atingem o conjunto dos trabalhadores. Está aí por que tem de ser um passo para a retomada da greve geral. Nossa luta tem de ser nacional.

O Boletim Nossa Classe vem travando um combate às reformas e às privatizações. Vem denunciando a conduta das direções sindicais de desviar a luta direta para o campo das eleições presidenciais de 2018.

E vem chamando os operários e demais explorados a exigirem que os sindicatos convoquem as assembleias para organizar a luta pela derrubada das reformas que destroem os empregos, os direitos e as aposentadorias.

Companheiros, operários, fortaleçam a campanha do boletim Nossa Classe participando ativamente no Dia Nacional de Luta e exigindo que as centrais sindicais voltem a organizar a greve geral.

OS EMPREGOS VOLTARAM?

O governo faz propaganda de que os empregos estão de volta. O que de fato ocorreu?

Somos hoje mais de 13 milhões de trabalhadores desempregados. Se levar em conta os 14 milhões do início do ano, vemos que houve uma leve queda. Mas que tipo de emprego que foi criado? As novas vagas foram no mercado informal e no setor público. O trabalho informal sem registro em carteira foi responsável por dois terços dos postos de trabalho gerados.

Como se vê, os empregos formais com todos os direitos não deram sinais de retorno. Ao contrário, as montadoras continuam demitindo, como ocorreu em agosto com a demissão de 284

metalúrgicos da Ford. As fábricas, em geral, não estão contratando. Aquelas que já cortaram no osso, continuam mantendo os trabalhadores. Aquelas que há excedente (como dizem os patrões), estão demitindo.

Em novembro, com a implantação da reforma trabalhista, os capitalistas poderão contar com o amparo da lei para avançar na terceirização, nos contratos por tempo determinado e nas jornadas e salários reduzidos. Esse mecanismo cria a ilusão que está repondo postos de trabalho. Não! Boa parte dos empregos, depois da reforma trabalhista, serão mais precários, sem registro em carteira, com salários menores e com jornadas maiores.

O Boletim Nossa Classe denuncia a

mentira do governo que os empregos estão voltando. O que está sendo criado são empregos precários, informais, com jornadas estafantes e salários mais baixos. Devemos exigir a volta dos milhões de postos de trabalho que foram destruídos. Queremos empregos formais e salários dignos para manter nossas famílias. Companheiros, defendemos:

1) O fim das demissões; 2) nenhum trabalhador desempregado ou subempregado; 3) estabilidade no emprego; 4) redução da jornada sem redução dos salários; 5) escala móvel das horas de trabalho (divisão das horas nacionais trabalhadas entre todos aptos ao trabalho). Só assim é possível que todos tenham trabalho.

Leia e divulgue o Boletim Nossa Classe. O Nossa Classe é um instrumento de luta da classe operária e demais trabalhadores. Por isso, não recebe dinheiro de patrões, de governos e de sindicatos. É sustentado pela contribuição dos militantes e pelas contribuições espontâneas dos operários. O Boletim Nossa Classe está a serviço da construção do Partido Operário Revolucionário.

EMPREGOS NÃO SE NEGOCIAM. SE DEFENDEM COM A GREVE, COM A OCUPAÇÃO DAS FÁBRICAS.

No dia 10 de agosto, a Ford enviou telegramas de demissão a 364 trabalhadores, que estavam no lay-off (suspensão temporária do contrato de trabalho). Dia 11, o sindicato realizou assembleia na fábrica e foi aprovado a luta contra as demissões. O setor de estamparia ficou parado todo o dia. Em assembleia realizada dia 16, o sindicato informou que fruto da paralisação, as negociações com a Ford haviam sido retomadas. O coordenador geral da representação na Ford, José Quixabeira, o Paraíba, informou que o sindicato colocou na mesa de negociação o pedido de cancelamento das demissões, abertura de um PDV e pagamento da estabilidade até janeiro de 2018.

A proposta que o sindicato colocou na mesa para negociar com a empresa não combate as demissões, não defende os interesses dos trabalhadores e, sim, os da empresa. Exigir que a empresa abra o PDV e o pagamento da estabilidade até 2018 é permitir as demissões.

Dia 18, a direção do sindicato, não realizou assembleia na fábrica com todos os trabalhadores. Convocou a assembleia para a sede do sindicato, somente com os 364 companheiros

que estavam em lay-off. Isolando, assim, os companheiros suspensos do trabalho dos demais trabalhadores. Na assembleia, a direção informou que haviam chegado a um acordo com a empresa. Pelo acordo somente 80 dos 364 trabalhadores suspensos retornariam ao trabalho. Para os trabalhadores que não retornarão à fábrica, havia a opção de aderir ao PDV com cláusula de quitação das verbas rescisórias ou ao pagamento do valor correspondente à estabilidade até janeiro de 2018. Isolados e sem uma direção que organizasse de fato a luta, os trabalhadores não tiveram outra opção senão aceitar o acordo de demissão de 284 companheiros.

Frente às demissões, uma direção verdadeiramente de luta deveria: 1) manter as assembleias na fábrica com todos os trabalhadores, visando a paralisação de toda a fábrica; 2) rejeitar as demissões e defender a redução da jornada, sem redução nos salários; 3) convocar assembleia geral com todos os metalúrgicos do ABC, para unificar a luta contra as demissões.

O Boletim Nossa Classe defende a luta contra as demissões, levantando a bandeira de “Empregos não se negociam, se defendem com luta”.

Derrubar a política da multinacional Firestone de impor a terceirização na produção

Em maio, em assembleia, os operários votaram acordo salarial da Firestone. Segundo o sindicato, o ponto mais difícil foi a manutenção da cláusula que impede a contratação de empreiteiras (terceirizadas) para a produção. Disse que por conta da reforma trabalhista, os patrões querem eliminar todas as cláusulas que dificultam a expansão da terceirização para todas as atividades da fábrica.

Está aí por que dizíamos que a terceirização e a reforma trabalhista eram um presente de Temer aos capitalistas brasileiros e às multinacionais. Está aí por que não podemos deixar de criticar os dirigentes da Força Sindical e da UGT que foram favoráveis a negociar com o governo Temer alguns aspectos dessa reforma em troca da aprovação de sua totalidade.

Agora, não é hora de chorar o leite derramado. É hora de retomar a luta para impedir que a reforma trabalhista entre em vigor em novembro. Não podemos ficar alheios ao que acontece, como fizemos em 28 de abril, quando uma boa parte da classe operária se colocou em greve geral e saiu em protestos pelas ruas e nós na Firestone estávamos trabalhando.

O Boletim Nossa Classe combate a Lei da Terceirização e a reforma trabalhista. É preciso que o sindicato convoque assembleia e organize a luta unitária dos operários (metalúrgicos, borracheiros, têxteis, químicos, etc.) para impedir a implantação da reforma trabalhista. Sozinhos, nós da Firestone não derrotaremos a política da multinacional. É por meio da unidade grevista que imporemos o fim da reforma trabalhista.

Todo operário consciente deve participar da campanha dos 100 anos da Revolução Russa

No dia 25 de outubro completará 100 anos da Revolução Russa. Lembremos que os operários no Brasil receberam a notícia com muita alegria e apoiaram os operários russos por terem conseguido tomar o poder do Estado por meio da insurreição, dirigida pelo Partido Bolchevique, de Lênin, Trotsky e outros revolucionários. O socialismo é o único caminho para os explorados se libertarem da escravidão capitalista e pôr fim à sociedade de classes.

A burguesia, seus meios de comunicação, seus partidos e suas instituições dizem que o comunismo não é possível. E que por isso a União Soviética se desintegrou e que a China, Cuba, etc. estão voltando ao capitalismo. Na verdade, trata-se apenas de um retrocesso na história. No mundo todo, o capitalismo está em crise, não garante emprego a milhões, mantém a miséria, promove as guerras e saqueia ainda mais os países atrasados. Em contraposição, os operários, a classe média empobrecida, os camponeses, indígenas se vêm obrigados a se defenderem por meio da luta de classes. O que está faltando é construir o partido operário revolucionário, que é o que estamos fazendo no Brasil.

Nesses 100 anos da Revolução Russa, o Boletim Nossa Classe fará um ato de homenagem, discutindo com os presentes a importância histórica da Revolução Russa e nossas tarefas como socialistas. O ato será no dia 22 de outubro (domingo), às 15 horas. Entre em contato com o distribuidor do Boletim que dará maiores informações.

**Viva a Revolução Russa de 1917!
Que morra o capitalismo, que
condena a maioria à pobreza,
à miséria e a fome!**